

TEMPO DA *ROUPA NOVA*: BELEZA E PODER NO TERCÊ DE BACABAL(MA)¹

Fladney Francisco da Silva Freire-(PPGAS-UFG/GO)²³

RESUMO

Através da observação participante, levantamento bibliográfico, entrevistas semi-estruturadas, este trabalho enfoca, de modo particular, o complexo processo de escolha e produção da indumentária utilizada pelos brincantes nos espaços e tempos dos rituais e festas, trata-se, assim, buscar refletir sobre representações e práticas constituintes daquilo que os brincantes denominam de *farda nova*; ao mesmo tempo, busca-se observar processos econômicos que incluem a aquisição de determinados bens materiais, o que se conecta diretamente a intercâmbios intensificados durante o tempo ritualístico-festivo e que envolvem sujeitos pertencentes a vários terreiros da região, que se visitam mutuamente, especialmente em tempos de rituais com *farda nova*.

PALAVRAS-CHAVE: Tercê- Roupas- Bacabal.

INTRODUÇÃO

As noites de festejos são muito importantes para os grupos religiosos praticantes do Tercê, manifestação religiosa afro-brasileira desenvolvida sobretudo nas regiões centrais do Maranhão. Nessas ocasiões, cantos e louvações são entoados aos santos e orixás, vestimentas e indumentárias são cuidadosamente elaboradas pelos sujeitos e grupos para reverenciar o mundo dos caboclos e dos orixás, Léguas, princesas, exus e tantas outras expressões da vida espiritual que acabam fazendo parte do mundo dos homens, mulheres e crianças que, mais que lhes acolher, a eles se conectam, conformando, como que, uma só realidade, um enredo de fé e devoção, de reverência e

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

² Graduado em Ciências Humanas Sociologia (UFMA). Mestrando em Antropologia Social (UFG). Membro do grupo de pesquisa GPMINA. Membro do grupo de pesquisa e Neáfrica. E-mail: Fladney2009@hotmail.com.

³ Esse artigo contém elementos do trabalho de conclusão de monografia, orientado por Sérgio Ferretti (PPGSoc – MA) e Antonio Evaldo Almeida Barros (PPGHIS). E sobre a orientação de Maria Luiza Rodrigues Souza (PPGAS –UFG) no mestrado

ousadia, de festa e cura, de introspecção e extroversão, enfim, um mundo no qual o humano é encantado e o encantado é humano.

É este universo, que é ao mesmo tempo religioso e festivo, social, político, econômico, estético e de relações de parentesco, que este trabalho pretende focar. Trata-se de um mundo vasto e múltiplo, como variados são os terreiros onde os festejos se realizam e roupas de rituais são utilizadas.

Assim, tenho acompanhado o Terreiro de São Raimundo Nonato, do Pai Francisco de Folha Seca e de Angela de Oxum, ambos meus pais biológicos. O terreiro se situa na zona urbana da cidade de Bacabal, na região do Médio Meariam maranhense. Com 23 anos de funcionamento e 32 brincantes oriundos em sua maioria do município de Bacabal, mas também de outros municípios maranhenses e mesmo do Estado do Pará, no terreiro se realizam seis festejos no ano, destinados a santos e entidades distintas. A maior festa inicia-se dia 24 de agosto e vai até o dia 03 de setembro, sendo que, os últimos cinco dias de batidas e obrigações aos santos são destinados especialmente aos convidados e aberta ao público.

É no grande festejo do padroeiro da casa, São Raimundo Nonato, que elabora-se uma vestimenta nova, conhecida pelos adeptos como *roupa nova* ou *farda nova*. O dia do traje novo para o santo é marcado também pela participação dos membros dos outros terreiros, curiosos em observar na grande festa as novas vestes. Assim, pode-se afirmar que o universo da indumentária, das vestes e roupas produzidas para os santos, constitui um elemento privilegiado para entender os processos e dinâmicas da casa e seus fluxos ligados ao sagrado.

A ênfase desse estudo recai sobre as relações entre estética e poder, sobre a economia moral que pode-se observar durante os festejos e rituais, no qual se torna cada vez mais relevante o dia da chamada *farda nova* ou *roupa nova*, quando o belo, o correto e o bom são acionadas na ritualística do terreiro, algo que se constrói geralmente num afastamento ao tempo lembrado como da *roupa do coco*.

A TERRA DE BACABAL-MA

A cidade de Bacabal atualmente comporta uma população de 102.265 habitantes e uma área de 1.683.074 km². Possui um Bioma Cerrado e Amazônia. O

produto interno bruto se relaciona sobretudo ao setor de serviço, seguido pela indústria e, por último, a agropecuária (IBGE, 2014)⁴.

Segundo OLIVEIRA(2013), o local de surgimento da cidade teria sido a Praça Nossa Senhora da Conceição, conhecida popularmente como Praça Santa Terezinha, onde Coronel Lourenço da Silva se estabeleceu em 1875. Esse local era um grande centro de cultivo de arroz, algodão e mandioca. A mão de obra escrava era a grande responsável pela produção. Com a abolição, a fazenda foi vendida ao Coronel Raimundo Alves de Abreu, que passou estabelecer relações comerciais com escravos libertos e índios.

Com o tempo, o desenvolvimento do comércio e a chegada de moradores, a fazenda passou a ser um povoado; com a migração de nordestinos devido à grande seca, essa região passou a ser uma grade produtora agrícola, o que fez Bacabal no século XX alcançar o primeiro lugar no quesito centro produtor do Estado. O nome do município Bacabal faz menção a enorme quantidade de palmeiras de bacaba. A Lei Estadual nº 932 de 17-04-1920 desmembra Bacabal de São Luís Gonzaga, constituindo aquela região um distrito próprio instalado em 07 de setembro de 1920.

Dados da Associação dos Umbandistas de Bacabal (AUB) ano de 2012, apontam para quarenta e seis terreiros de Umbanda/ Terecô em funcionamento na zona urbana, em 2015. Não existe levantamento do número de terreiros na zona rural do município, vale ressaltar que a cidade de Bacabal é constituída por inúmeras comunidades quilombolas, com idade superior a sua emancipação, e que, o Rio Mearim durante o período colonial era uma grande rede de escoamento da produção agrícola e de escravos para trabalhar nas lavouras da região.

O TERCÔ DE CODÓ

Segundo FERRETTI, M (2003), O Terecô é uma prática de religiosidade afro-brasileira tradicional do município de Codó-Ma, que acabou se difundindo pelo interior do estado do Maranhão e em outros estados da Federação do Brasil. Tal prática é conhecida como festa do tambor da mata, brincadeira, brinquedo de Barba, encantaria de Barba Soeiro, verequete ou berequete. Apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, a identidade do terecô é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português (FERRETTI, M, 2003, p. 1).

⁴ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em www.ibge.com.br

Como afirma AHLERT (2013) ao longo dos anos a cidade de Codó ganhou notoriedade ao ser considerada a “capital mundial da feitiçaria” ou “capital da magia negra no Brasil” [...] A fama da cidade como “capital da magia negra” tem sido impulsionada também pela exploração midiática intensa - em grande parte estigmatizadora e preconceituosa - da profusão de tendas de religiões afro-brasileiras e dos atendimentos realizados por pais e mães de santo(p.18).

BELEZA E SENTIDOS: UM ESTUDO SOBRE A VESTIMENTA UTILIZADA NOS RITUAIS DO TERCÊO EM BACABAL (MA)



Foto: Festejo de São Raimundo Nonato em 2015, Roupas Nova em Homenagem a Ogum

Fonte:Fladney Freire

O interesse em estudar o sentido atribuído a vestimenta, deu-se principalmente por perceber todos os anos uma organização anual em prol da vestimenta, o terreiro acompanhado, Tenda Espírita de Umbanda São Raimundo Nonato, fundou-se em 1993 na cidade de Bacabal, assim que completei um ano de idade, bem antes dessa

fundação, Francisco de Folha Seca, já organizava anualmente vestimentas para os festejos que ocorriam na zona rural da cidade de São Luís Gonzaga do Maranhão (MA).

Ao iniciar a graduação fui bolsista iniciação científica, nesse momento comecei a fazer trabalho de campo no projeto “Memórias Negras”⁵, foi então que ao ler meu caderno de campo, percebi que nos terreiros da cidade de Bacabal existia uma rede de contato e retribuição, essa rede projetava anualmente os terreiros para suas festas, nesse sentido, os adeptos arrumavam seus terreiros e preparavam roupas para o dia da *roupa nova*.

Foi então que percebi que o trabalho de campo tem sido arduamente defendido pelos antropólogos como uma forma de ferramenta da etnografia, desde MALINOWSKI (1984), até os pós-modernos SAHLINS (1997) e MARCUS(1991), temos assim, a observação participante como um instrumento compreensão de uma dada realidade.

A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com o grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos dos seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como extraído do nada. [...] Um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. (MALINOWSKI. 1984, p.22)

Como sugere MALINOWSKI (1984), “o diário etnográfico, feito sistematicamente no curso dos trabalhos num distrito, é o instrumento ideal para esse tipo de estudo” (p.35). Segundo FONSECA (1998), uma maneira de fazer um bom trabalho de campo é estudando a subjetividade, ritos sociais e a educação sentimental dos envolvidos, tendo o diário de campo a função sistematizadora, mas sem esquecer que os nossos modelos sempre serão simplificações grosseiras da realidade.

O ponto de partida desse estudo tem sido o sentido atribuído a vestimenta, conhecida como *vestido, saia e blusa* ou *mandrião*, utilizados por homens e mulheres nos rituais do Terecô, com isso, percebe-se que os estudos sobre cultura material não são recentes, “entretanto, a cultura material é uma parte importante da vida das pessoas. O que elas fazem, decoram e usam são parte integrante de sua cultura” (SILVA,2011, p.01).

⁵ Projeto de Pesquisa que visava mapear e difundir bens da cultura negra de Bacabal, o projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA).

A Antropologia sempre foi imbuída da busca pelo sentido dos objetos em diversas sociedades e contextos, MALINOWSKI (1984), em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, buscava mapear os códigos em torno do *Kula*:

O *Kula* é, portanto, uma instituição enorme e extraordinariamente complexa, não só em extensão geográfica mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca em enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes de modo a formar um todo orgânico (p.75-76).

Pensar as vestimentas com influências dos estudos pós-coloniais tem sido uma vertente interessante, proponho-me a pensar a partir daquilo que SAHLINS (1997) denomina de a “indigenização da modernidade” e “a organização da experiência humana por meios simbólicos”.

Os elementos propostos por SAHLINS, acabam por nos dar base para questionar os argumentos de UMBANDIZAÇÃO, CANDOMBLEIZAÇÃO do Terecô, pressuposto que colocaria um fim ao Terecô, pois as tendências das religiões “modernas”, apagariam influências rurais, sonogando toda sua criatividade e resistência vivenciada no Terecô. Atualmente, tem-se percebido uma valorização da ideia do Terecô como algo moderno e dinâmico, muito embora seja cedo para afirmar, estamos vivenciando uma Terecotização da Umbanda e do Candomblé na cidade de Bacabal.

Nesse sentido, vários elementos são necessários para o sucesso de um festejo, ter a casa cheia de convidados, fartura na alimentação, a roupa nova para a grande noite, além das obrigações ritualísticas que compõem o repertório da festa. Esses são elementos que falam sobre o belo.

O ser belo é um construto social. No Terecô é perceptível as diversas mudanças, a apropriação de elementos externos como, jogos de luzes, som mecânico, o perfil da vestimenta, filiação a Federação Umbandista entre outros elementos, que aos poucos foram ganhando o status de tradicional. De fato, “na busca por distinção, ao longo da história,” os grupos tomam “de empréstimo a estrangeiros”, objetos são agregados e passam a ser vistos como tradicionais (GORDON, 2009).

Essa lógica de receber convidados, e receber bem, não é recente no Terecô, esses deslocamentos são realizados durante dias e semanas fora de casa, todas as despesas com a alimentação e hospedagem são arcadas pela casa anfitriã, que abre suas portas nos períodos das festas. Com isso, é necessária uma organização anual para o evento, a maioria das casas possuem mais de uma festa no ano, o que ocasiona os terreiros a

montarem redes fixas de contato entre casas de santo. Fazer uma boa festa também é resistência política.

Nos primeiros anos do terreiro em Bacabal-MA, Francisco de Folha Seca, questionou-se sobre as regras impostas no tocante a estrutura das vestimentas: “Quando eu comecei aqui era só um pedaço de pano que o povo vestia, achava feio, pois os santos merecem coisa boa, aquilo não era bom e não gostava, foi por isso que mudei” (Pesquisa de Campo, 08/04/2014).

Pai Francisco, nasceu na zona rural de São Luís Gonzaga da Maranhão, trabalhava na roça e em muitos momentos quebrava coco com minha avó, conhecida como Dadá, era comum o Terecô ser *batido no meio da roça* e os lavradores caírem na dança, isso ocorria no fim do dia de trabalho. Segundo os relatos de Francisco, meu pai, por volta da década 60/70 não existiam roupas padronizadas no terreiro de sua mãe, por volta dos anos 1980-90 essa foi uma imagem que foi sendo alterada na comunidade rural que ele residia. É constante em seu discurso ao falar da roupa do terreiro voltar ao período de sua infância, tempo esse que ele chama de *roupa do coco*.

Esse discurso da *roupa do coco* é utilizado por outros chefes de terreiros e por terecozeiros mais velhos, sempre fazem menções as entidades das matas, ao “início” do Terecô ou das suas infâncias, é por esse motivo que os adeptos do Terecô em Bacabal sempre falam do Terecô como algo intrinsecamente da mata, sempre rememorando ao local chamado *Miragaia*, para muitos dos adeptos esse local representa força, nas noites de reuniões é sempre comum ouvir dos mais velhos os acontecimentos do *Miragaia*, como o fracasso das perseguições de fazendeiros e de policiais, no período de repressão a religião no Estado de Maranhão, como o caso do *Tenente Vitorino*. Maria Brechó, ex-mãe de santo, atualmente filha de santo do terreiro de São Raimundo disse:

O Terecô começou na mata do Miragaia, lá a família de Légua Bugí fazia a festa, o finado Sabino era filho daquilo tudo, eram dias e noites de tambor rodado, não parava de jeito nenhum, nem pra comer, rodei muito no meio daquilo tudo, naquele tempo a gente saía da roça e caía com tudo no tambor, naquele tempo o tambor batia três lapadas e você via neguim caindo baiando, até o Tenente Vitorino que foi prender a gente caiu na dança. (Maria Brechó, 03/10/2015)

Quando Pai Francisco assentou o terreiro em Bacabal ano de 1993, os primeiros tecidos utilizados foram o *riscado* e *voltomundo*. Dois tecidos baratos e de fácil acesso na época, um metro do tecido hoje equivaleria 1,25 reais, uma roupa teria o valor total 50,00 reais. Nesse período era o máximo que poderia ser utilizado para comprar a

vestimenta. Atualmente a conjuntura é outra, uma roupa de filha de santo custa por volta de 500,00 reais, o parcelamento e o acesso ao crédito deu possibilidade e poder de compra a esses sujeitos.

Durante o trabalho de campo tenho buscado olhar em duas direções como explicação do sentido as narrativas, e pensar em diversas identidades formadas em processos de “dispersões” e “migrações”, MARCUS (1991). E nesse sentido, tenho mapeado as diversas respostas para o discurso da beleza da *roupa nova*, respostas essas que são múltiplas.

Existem diversos repertórios que vinculam a roupa nova, dentro de uma delas existe a das *Tambossas*, princesas das linhas das águas, bastante reverenciadas nos terreiros de Terecô de Bacabal. Ter uma *Tambossa* nas correntes da casa é motivo de distinção, pois “para elas sempre tem tudo do bom e do melhor” (Leane, filha da casa, 13/02/2012).

Devido soberania das *Tambossas*, as demais entidades de outras correntes aceitariam uma roupa elegante mesmo contra a vontade, pois alguns Léguas e Caboclos de perfil masculino não gostam do incremento, mas acabam aceitando devido as hierarquias entre as próprias entidades.

Existe um acionamento constante da importância das *Tambossas* para demarcar a aceitação das demais entidades em favor da mudança da roupa. No terreiro de São Raimundo são as princesas que orientam os direcionamentos do terreiro, escolhem roupas, quais santos festejar e como vai ser a festa. No dia-a-dia a pronúncia ou a escrita dessas princesas se apresenta como *Tambossas*, mas também temos a escrita do termo como *Tobossas*.

A preocupação com o belo manifesto através das vestimentas certamente tem relação com vários fatores: internos ao próprio ritual, a aproximação com outras vertentes religiosas, a exemplo da Umbanda e do Candomblé; as influências do chefe da casa com o mundo lúdico do teatro que participou antes do casamento, a internet, as inúmeras visitas aos terreiros e cidades, a história das entidades e inúmeras outras variáveis.

As roupas dos últimos anos têm sido confeccionadas por Francisco e sua esposa Angela, trinta e duas roupas em média, cada roupa leva quatro dias para ficarem prontas, são três meses de confecção. É muito comum durante esses meses a lógica de esconde-esconde. A cada visita de um sujeito externo a casa, temos uma parada na confecção da vestimenta, pois ter a roupa nova é algo inédito, todo o processo é sigiloso.

Alguns chefes de terreiros da cidade costumam mandar pessoas com a clara intenção de averiguar como anda o processo de confecção da roupa e das festas. Já ocorreu em um ano descobrirem a cor da roupa nova, esse fato somente foi percebido durante as visitas aos demais terreiros, quando a tenda descobriu que o detalhe da roupa já estava no falatório das demais casas, foi um *alvoroço*, com todo o falatório houve a necessidade de modificar os enfeites da roupa com poucos dias para a festa e transformar a cor do pano de cabeça.

A cada ano, a roupa nova do ano anterior entra no circuito da procissão, e no ano subsequente ela entra em um dos demais momentos do festejo, que depende do orixá reverenciado no ato da *roupa nova*. Temos como exemplo, a roupa de 2012, em homenagem a Ogum e Xangô, seu destino foi à procissão em 2013 e em 2014 foi utilizada na noite de Xangô para a obrigação, segundo dia de festa.

O dia destinado ao uso da roupa nova era sempre a última noite, desde a fundação do terreiro até o ano de 2014, durante o festejo de 2015 o dia da roupa nova passou a ser a terceira noite de festa, essa mudança ocasionou estranhamento nos adeptos do terreiro, principalmente por terem uma ideia tradicional da festa, mas como o chefe da casa e as entidades estão em constante negociação a mudança ocorreu, não sabemos se foi algo extraordinário ou se nos anos vindouros um novo discurso da tradição entrará em cena.

Apesar da mudança do dia da roupa, o ritual de agenciamento da vestimenta continuou ocorrendo, principalmente com *baião das princesas*. No terreiro quando se faz a *roupa nova*, um dos primeiros orixás a descer para as obrigações são as *Princesas*. A atração da festa é a roupa, todos os brincantes querem ver a casa que se veste melhor. Esse evento acaba chamando muita atenção da rede do fluxo entre os terreiros, os convidados querem participar do dia da *roupa nova*, esse é um momento público e de grande importância para os grupos religiosos.

É comum haver disputa entre os terreiros para saber quem se veste melhor, mas fica na sutileza; no entanto, é comum ouvir nos quartos e no quintal da casa nada de forma aberta, devido às questões éticas, nos bastidores de cada casa é o assunto do mês e dependendo dos gastos até do ano. Cada terreiro prepara sua roupa nova para a data do maior festejo da casa, quase sempre a festa grande é aquela que aparece o nome social do terreiro. Todos os terreiros preparam suas roupas e depois de usá-las na festa, as colocam no circuito de visitaçãõ.

Na fala dos agentes frequentadores da casa é comum um saudosismo em relação ao passado, onde se confeccionava as roupas com os tecidos como *riscado* e *murinho*. Em outros casos não se tinha um padrão a seguir, cada brincante vestia o que era possível adquirir, ou com a própria *roupa do mundo* caíam na dança. As diversas mudanças nas roupas são pontuadas como escolhas dos indivíduos e não dos orixás, ou vice-versa. Existem muitas explicações.

Parte dos terreiros afirmam que as mudanças que ocorrem no tocante à vestimenta é algo influenciado pelos guias da casa; em alguns momentos nas horas que antecedem as noites de festas, as conversas entre os brincantes são sempre de saudosismo em relação às roupas do passado, mas sem querer retornar a esse período, ou voltar a dançar somente com a *roupa do coco*.

Existe um discurso de que as roupas foram-se aperfeiçoando na proporção que a vida financeira foi melhorando, há vinte anos era difícil ter dinheiro para uma boa alimentação, gastar mil reais com uma roupa era inimaginável. Pai Francisco de Folha Seca gastou um mil reais com a vestimenta no último festejo. Segundo as brincantes, uma roupa abaixo desse valor não é uma boa roupa, são 15 metros de pano no total, quando não se tem a cor desejada em locais de Bacabal-MA à compra ocorre na cidade de Teresina-PI. Além das roupas existem gastos extras, como pano de cabeça de crochê, que custa em torno de R\$ 40,00, sandália (R\$ 15,00) e o pano que coloca na cintura (R\$ 39,00 reais o metro). As falas pontuam que todos precisam fazer um esforço para no dia da festa tudo sair perfeito.

A vestimenta traduz uma linguagem que fica nas entrelinhas, algo que projeta o sentido do ser belo ou *chique*. Segundo Miller (1954), é fundamental considerar a cultura material, a vestimenta, por exemplo, não representa algo superficial. Nesse sentido, “roupas representam diferenças de gênero, mas também de classe, nível e educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste com o lazer noturno. A indumentária era uma pseudolinguagem que podia dizer quem éramos”. (MILLER, 1954 p.21).

A primeira roupa do terreiro foi branca, tinha o comprimento até o joelho, com somente uma fileira de renda, só quatro metros compunham a indumentária, a cabeça era amarrada com tecido, o mesmo da roupa, que era atada no estilo quebradeira de coco. Mesmo em tempos difíceis as roupas eram adquiridas com a ajuda dos encantados. Similar ao que ocorre atualmente, é recorrente o discurso por parte dos brincantes de que

no começo parece que não vai dar certo, pois os tecidos são caros, mas no final sempre conseguem, tanto faz a farda ser simples ou luxuosa.

Nota-se que para os brincantes o fator diacrítico são as entidades do terreiro que passa a ser determinante na comparação, o contexto do perfil da divindade que coordena a casa é definidor do modelo da roupa, pois a casa pode ser abastada, entretanto, se a entidade chefe tem preferência por um estilo mais simples, é esse que vai coordenar o padrão da casa.

A gente anda muito e cada terreiro é diferente do outro, mas a gente nota que tanto aquele terreiro com posses como aquele que não tem..As vezes a gente chega naquele humilde e a festa tá melhor, pois as vezes vamos em um grande e a festa não está boa. O que importa é a força, quem é de dentro sente, a gente sente, quando a gente brinca que chega ao terreiro, até na hora que começa a gente sente se tem aquela força, se tem ou não tem, tem terreiro humilde que quanto mais a gente brinca mais vontade a gente tem de brincar, já tem uns grandes ai que a gente vai empurrado, pois temos que ganhar o povo para o festejo. Tem terreiro pequeno que faz a roupa linda, esse negócio de dizer só casa grande faz isso é mentira, todos querem uma festa bonita e fazem como podem pra fazer (Angela, esposa de Francisco, pesquisa de Campo, 14/03/2015).

É importante salientar que o orixá do chefe da casa tem todo o respaldo para fazer suas escolhas pelo estilo da roupa do terreiro, a quem irá estabelecer sua rede de visitação e como vai ser sua festa. De fato, pode-se argumentar que as questões monetárias diretas estão quase sempre dependentes daquelas do universo religioso e dos padrões costumeiros, coletivamente partilhados pelo grupo.

As roupas, na visão externa, são concebidas como artigo de luxo. Para os adeptos ela tem um sentido simbólico de personificação sagrada e de distinção. Os tecidos que compõem a indumentária necessitam passar por alguns procedimentos que vai desde o lavar, guardar até a sua utilização. Para a retribuição do fluxo de visitas, não existem diferenciações nos usos das roupas entre os terreiros que iram ser visitados, usam-se as melhores roupas nas grandes casas e nas pequenas casas também.

Cada ano é confeccionado uma roupa nova, nesse sentido, a roupa do ano anterior é incorporada no discurso da tradição. O que diferencia a roupa nova das demais é o seu ritual no sentido amplo, a festa anual e sua utilização em ocasiões especiais.

É preciso ressaltar que existem ocasiões especiais até em terreiros de barro e palha, essa lógica tem a ver com quem comanda a casa e sua ligação com o terreiro visitante. “A roupa que a gente usa no palácio, a gente usa na tapera, você já imaginou se

tivéssemos que fazer dois tipos de roupas? O dono do terreiro ia se sentir mal”, afirma Mãe Angela (Pesquisa de Campo, 02/04/2015).

Na casa de São Raimundo alguns cuidados são necessários com a roupa. Depois de os brincantes utilizarem as roupas, não devem deixá-la embolar, é necessário ter cuidado para não criar caruncho até a hora da lavagem, principalmente devido o suor que fica impregnado na vestimenta. Cada filho de santo cuida de sua roupa, entretanto, a roupa dos chefes da casa é sempre lavada por alguém do próprio terreiro que é designada para isso. No terreiro de São Raimundo o componente que realiza a lavagem é Josi, ela é uma travesti recém iniciada, quando Josi não pode realizar essa função, Célia fica com a obrigação de realizar a lavagem, ela é outra servente da casa.

Deve-se salientar que mulheres menstruadas não podem vestir e nem tocar na vestimenta, não se pode ter realizado relação sexual no período em que for utilizar a roupa, quando for lavar não se pode bater e quando é colocada no sabão de molho é necessário tirar rapidamente e não se pode esfregar o tecido.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Há quem diga que hoje tudo é diferente, que existe uma lógica da ostentação, mas para os adeptos investir tempo e dinheiro em uma roupa nova não é algo ruim ou que signifique enfraquecimento do Terecô, ao contrário, nas casas existem positizações e apropriações dos elementos de outras religiões, sempre os elementos externos passam pelo processo de agenciamento e se transforma no discurso da tradição.

Em Bacabal, o termo Terecô e Umbanda, em determinados momentos, são anunciados como complementares ou mesmo com se referindo à mesma prática. Em outros, se repelem mutuamente. Um exemplo: o terreiro de Terecô estudado tem o nome social Tenda Espírita de Umbanda São Raimundo Nonato. A identidade de Umbanda é acionada em alguns momentos. O termo Terecô é acionado por muitos terreiros principalmente quando há referência às festas. Assim, entre os próprios brincantes, é muito comum ouvir “hoje tem Terecô na casa de dona Rocha”, “Quantas roupas vai levar pro Terecô padrim?”, “No Terecô estava bonito, muita gente dançando”. Desse modo, pode-se afirmar que se aciona a ideia de Terecô no cotidiano, na intimidade dos sujeitos e mesmo em ocasiões nas quais se revelam os sentidos mais profundos da prática religiosa.

Já o termo Umbanda, geralmente, é utilizado em momentos políticos de caráter público, principalmente nas falas dos agentes internos para os externos: nos contatos com autoridades políticas, com os movimentos sociais, via convite oficial para as festas e principalmente para se distanciar da ideia de “atraso”. Assim, enquanto no espaço privado, a noção de Terecô evoca sentidos positivos fazendo parte mesmo da normalidade da vida religiosa, no espaço público, a categoria Terecô pode ser acionada por agentes externos como algo acusatório. Assim, quando alguém chama um adepto de terecozeiro, dependendo das circunstâncias isto pode ser altamente ofensivo, pois o sentido manifesto é de bruxaria e macumba, maldade e diabolicidade, ou mesmo feiura e degeneração.

O período das perseguições policiais possui consequência até os dias atuais, existe atualmente um movimento para elevar o Terecô como uma categoria positiva nos contatos externos, papel empregado anteriormente pela ideia que a Umbanda ajudou a gestar na cidade, os sujeitos buscam negociar e resistir com o sistema gravitacional político, a quem diga que o Terecô não deixará de existir, principalmente por ser uma religião altamente criativa e que foge a qualquer definição.

Os terreiros são espaços dinâmicos e os adeptos da religião acabam, de certo modo, questionando essa caracterização difundida no passado, mostrando a beleza de suas roupas, a riqueza de sua cultura e seu esforço para manter viva a “tradição” de seus ancestrais. É muito comum ouvir em rodas de conversa de terreiro, que toda casa deve entrar bonita na sala, é essa lógica que impulsiona os novos terreiros e os menores a melhorarem sua dinâmica organizacional.

As roupas são elementos de embelezamento, gastam-se muitos recursos, mas como forma de gratidão, em muitos casos de forma desinteressada, o discurso de que eu quero ficar mais chique ou belo, que tem uma justificativa nas entre linhas, essas falas trazem outras coisas como: “eles merecem, como forma de retribuição da ajuda durante um ano faço a roupa, ficar elegante é um sinal de respeito e amor aos guias e a si próprio”.

As diversas narrativas dos povos de terreiro elevam uma ideia em que ter uma casa cheia no período de festa traduz um abundância dada pelos deuses, é “um sinal de força”. E assim, a *roupa nova* é para os sujeitos do Terecô o momento ápice da festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Martina. Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão) / Martina Ahlert . 2013. 282 f. : il . ; 30 cm. Tese (doutorado) -

Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós - Graduação em Antropologia Social, 2013.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. Umbandização, cadombleização: para onde vai o Terecô?
In: X Simpósio da ABHR /UNESP, Assis, 2008. Disponível em:
<http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2008/12/araujo-paulo.pdf>. Acesso em:
05/02/2015.

FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti. São Luís: SIOGE, 1993 (2ª ed. EDUFMA, 2000).

----- . Formas sincréticas das religiões afro americanas: o terecô de Codó(MA).
Cadernos de Pesquisa. São Luv.14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108

FONSECA, Claudia. Quando cada caso Não é um caso. XXI Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1998.

FREIRE, Fladney Francisco da Silva. Estética, Identidade e Fluxos no Terecô de Bacabal/Ma / Fladney Francisco da Silva Freire. – Bacabal, MA, 2015. 76f. Monografia (Graduação em Ciências Humanas Sociologia.) – Universidade Federal do Maranhão, Campus de Bacabal, Bacabal, MA, 2015.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis/Rj: Vozes,1997.

GELL, Alfred. Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte. Revista Poiésis, n. 14, p. 245-261, Dez. de 2009.

George Marcus - Identidade passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do séc. XX ao nível mundial. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, vol. 34, 1991, p.197-221.

GORDON, Cesar. O valor da beleza: reflexões sobre uma economia estética entre os Xkirin (Mebengokre-Kayapo). Série Antropologia. V. 424, Brasília: DAN/UnB, 2009
HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 19ª edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução, Cap. I A região e os habitantes In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 21-52, (31 p); Cap. III – Características do Kula, p. 75-90; Cap. X – A história de um naufrágio p. 186-206.

MILLER, Daniel. Por que a indumentário não é algo superficial. Trecos, troços e coisas: estudo antropológico sobre a cultura material/ Daniel Miller; tradução: Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, Raimundo Sérgio. Histórias de Bacabal. Bacabal, Estado do Maranhão, 2013.

SILVA, Sergio Baptista. Repensando objetos, arte e cultura material. Horiz. antropol. vol.17 no.36 Porto Alegre July/Dec. 2011. ISSN 0104-7183. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010471832011000200001&script=sci_arttext. Acesso em 01/09/2015.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). MANA 3(1):41-73, 1997.

------. O “Pessimismo Sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte II). MANA 3(2): 103-150, 1997.